

INSTITUTO DE HUMANIDADES

**A ANTE-SALA DA ÉPOCA MODERNA:
O RENASCIMENTO**

Antonio Paim

Leonardo Prota

Ricardo Vélez Rodriguez

SUMÁRIO

- 1. Principais contribuições**
- 2. Uma visão de conjunto**
- 3. O *hermetismo* e a nova abordagem da natureza**
- 4. A formalização do novo método científico**
- 5. Uma nova acepção de pessoa**

LEITURA COMPLEMENTAR

William Sheakspeare, a maior glória literária do Renascimento

FILME

EXERCÍCIO

1. Principais contribuições

Denomina-se Renascimento ao movimento literário, artístico e filosófico que se inicia em fins do século XIV e prossegue até fins do século XVI, difundindo-se em vários países europeus a partir da Itália.

Nesse ciclo lançam-se as bases da Época Moderna, notadamente por haver desembocado na Reforma Protestante e definido o programa a partir do qual se constituiu a ciência moderna. Esses dois ingredientes fixaram os contornos mais gerais de que se revestiu o novo ciclo da civilização ocidental.

Com efeito, a Reforma Protestante mudou substancialmente a atitude diante do trabalho. E a ciência moderna proporcionou às novas gerações uma modalidade de extrair do seu esforço físico resultados surpreendentes: a **técnica**.

Tudo leva a crer que o desconforto surgido no seio da Igreja com o rumo que o Papado vinha dando à instituição --e fez surgir potente movimento crítico-- não se propunha o desfecho a que foi conduzido. Vale dizer, aquele movimento não buscava a ruptura mas a simples mudança de comportamento, centrado naquilo que foi entendido como ostentação de riqueza em detrimento da dimensão religiosa. Os críticos entendiam que a venda de indulgências, imposta pela mencionada política, constituía um flagrante atentado à sua missão fundamental. O Papado optou entretanto por manter inalterada a política em curso.

Os incidentes com Martin Lutero (1483/1546) explicitam claramente essa opção. O monge alemão imaginou que havia ambiente para discutir a questão nos marcos da própria Igreja mas o seu intento foi abruptamente rejeitado pelo Vaticano que contra ele instituiu processo em 1518. Ainda assim, tomou uma atitude conciliatória proclamando que seu empenho consistia em conduzir a discussão de modo que não afetasse a unidade da Igreja. A resposta tirou-lhe todas as dúvidas: veio numa Bula, em 1520, ameaçando-o de excomunhão.

Consumou então a ruptura queimando publicamente o documento do Vaticano. Deu nascedouro à primeira igreja protestante, iniciativa que veio a ser progressivamente apoiada pelos principados alemães que ocupavam a parte oriental. Estes, nos decênios subseqüentes legalizaram a Igreja desde então denominada de Luterana e proibiram o culto católico.

Não podendo prescindir do apoio militar daqueles príncipes para conter a invasão muçulmana, o Imperador do Sacro Império assinou em 1555 a Paz

de Augusburg, que consagra o princípio segundo o qual os habitantes de determinado território eram obrigados a seguir a religião do monarca (em latim: **cuius régio, eius religio**).

Desde então surgiram outras igrejas protestantes, fenômeno que acabaria selando o destino da outra dimensão emergente: a ciência moderna. Contudo, a plena configuração desta não se consumaria no ciclo compreendido pelo Renascimento, não obstante o que seria ainda nesse ciclo que se lançariam os seus fundamentos essenciais, como procuraremos demonstrar nos tópicos subseqüentes.

2. Uma visão de conjunto

Costuma-se tomar com ponto de referência inicial do Renascimento a obra de Francisco Petrarca (1304-1374) e de seu contemporâneo Giovanni Bocaccio (1313-1375), que viveram e trabalharam em Florença, na Itália. Ambos dedicaram-se à recuperação das obras clássicas, não apenas para divulgá-las, como se dera em séculos anteriores, mas sobretudo para exaltá-las e tomá-las como padrão de estilo literário. Espelha essa circunstância o *Decamerão*, de Bocaccio, livro sucessivamente reeditado no Brasil.

No que respeita ao amadurecimento da linha a ser seguida pela nova física, contudo, o apogeu desse movimento em prol de método renovado do estudo da natureza -- e a plena explicitação de sua magnitude e influência renovadora-- somente aparecem no fim do século XV e começos do século XVI.

No terreno da literatura, o Renascimento produziu grandes escritores como Rabelais (1495-1553), consagrado autor de *Gargântua e Pantagrue*; Montaigne (1533-1592), cujos *Ensaio*s continuam a ser festejados, e o maior de todos eles: Shakespeare (1564-1616). Em Portugal, o Renascimento registra a presença de alguns escritores notáveis, em cujo seio sobressai Luís de Camões (1524-1579), extraordinário poeta, criador da língua literária portuguesa.

Talvez se possa atribuir maior amplitude à renovação artística, em especial no terreno da pintura e da escultura. No que se refere à pintura, Carlos Flexa Ribeiro teria oportunidade de indicar que "é redutível a uma nova maneira de conceber a representação do espaço e da forma em uma superfície plana", sendo de destacar que suas normas constituem o que denomina de verdadeiro Código de Visualidade. Contraposto à tradição da pintura medieval precedente, "de origem bizantina, romântica e gótica, revoga-a inteiramente". Ao que acrescenta: "O Código de Visualidade então instaurado veio para ficar. E ficou por cinco séculos. A nova concepção do espaço foi de tal modo completa, rica e complexa, como expressão de sensibilidade coletiva e, ao mesmo tempo, estava ela a tal

ponto carregada de possibilidade de desdobramentos nas futuras gerações, que permaneceu em vigor, com vitalidade, até o movimento impressionista do último quartel do século XIX” (A pintura no Renascimento *in O Renascimento*, Rio de Janeiro, Agir, 1978, pp. 105-106).

Entre os grandes mestres dessa renovação, destacam-se Leonardo da Vinci (1452-1519), Miguel Ângelo (1475-1564), Rafael (1484-1520) e Ticiano (1477-1576).

No que respeita aos outros aspectos da vida cultural, o Renascimento corresponde a nítido trânsito para a Época Moderna. Assim, tem lugar o aparecimento da nova temática do pensamento político, com a obra de Maquiavel (1469-1527). Como foi indicado, dá começo à crítica da Igreja com a obra de Erasmo (1460-1536). Justamente esse autor não se envolveu na Reforma, o que comprova a tese de que não objetivava a ruptura que veio a ter lugar. É ainda ali que se encontra o impulso inicial para a constituição da ciência moderna.

Corresponde certamente ao término do Renascimento, o auto-de-fé em que Giordano Bruno (nasc. Em 1548) foi lançado à fogueira, juntamente com a sua obra, em Roma, no dia 17 de fevereiro de 1600. Acha-se estabelecido que teria pesado sobremaneira nesse ato radical a simpatia que acalentava pelo que se considerava, então, como bruxaria. Mas também há de ter pesado na decisão sua aprovação à teoria heliocêntrica.

Embora o Renascimento consistisse, no seu aspecto mais evidente, numa tentativa de reencontro com a época clássica, não se resume apenas a isto. Desprovida da intenção crítica, essa redescoberta do pensamento greco-romano teria consistido apenas na continuidade do movimento análogo dos séculos XII e XIII, que desembocou na renovação da filosofia católica, com base em Aristóteles. No último desses séculos já se dispunha de traduções latinas não só das obras desse pensador mas também de Euclides, Galeno etc. Assim, em que pese tal elemento de continuidade, como observa Abbagnano, “O Renascimento foi levado a sublinhar polemicamente sua própria diferença de orientação da idade medieval, em sua tentativa de se ligar novamente à idade clássica e de haurir, diretamente dela, a inspiração para suas próprias atividades”.

Essa atitude crítica resulta em grande medida dos descobrimentos. Por isto pode-se afirmar que o Renascimento está de certa forma ligado à queda de Constantinopla, em 1453, que torna imperativo o encontro de uma alternativa para a manutenção do comércio com o Oriente. Foram os descobrimentos, com efeito, que provocaram uma primeira grande cisão na perspectiva medieval acerca da configuração do mundo. Além da colocação do nosso planeta no centro do universo, com o denominado geocentrismo, essa perspectiva se completava pela geografia de Ptolomeu, onde o Mediterrâneo, por sua vez, era uma espécie de centro da Terra.

A geografia de Ptolomeu sistematizava o conhecimento existente em seu tempo, acumulado pelos viajantes. Ao mesmo tempo, abrangia toda uma série de suposições arbitrárias, como a fixação dos limites acessíveis da Terra na altura do cabo Bojador, a noroeste do deserto de Saara; a inabitabilidade da zona equatorial; a fertilidade do solo e a vida nas Canárias; a existência de ouro à superfície das praias africanas; etc. As observações diretas levavam à fixação de novos contornos.

Na medida em que se ampliava o raio de ação dos navegadores da segunda metade do século XV, o quadro traçado por Ptolomeu caía por terra.

É bem representativo do novo estado de espírito o seguinte trecho de uma obra escrita entre 1480 e os fins do século: *As Relações do Descobrimento da Guiné e das Ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*, de Diogo Gomes:

"E estas coisas que aqui escrevemos se afirmam, salvando o que disse o ilustríssimo Ptolomeu, que muito boas coisas escreveu sobre a divisão do mundo, que porém falhou nesta parte. Pois escreve e divide o mundo em três partes, uma povoada que era no meio do mundo, e a setentrional diz que não era povoada por causa do excessivo frio, e da parte equinocial do meio dia também escreve não ser habitada por motivo do extremo calor. E tudo isto achamos ao contrário, porque o pólo ártico vimos habitado até além do prumo do pólo e a linha equinocial também habitada por pretos, onde é tanta a multidão de povos que custa a acreditar. (...) E eu digo com verdade que vi grande parte do mundo." (Apud Antonio José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Ed. Jornal do Foro, Vol. II, p. 455).

Note-se que a *Geografia* de Ptolomeu, apenas no período considerado, merecera seis edições em latim – impressas em Bolonha, entre 1478 e 1490. Seu prestígio advinha sobretudo do geocentrismo então consagrado como uma espécie de parcela complementar do sistema aristotélico.

Assinale-se que a tese de que *mais vale quem viu grande parte do mundo*, isto é, essa afirmação do primado da experiência contrapunha-se frontalmente ao tipo de saber sistematizado pela Escolástica, onde o importante era a análise dos elementos conceituais, de nada valendo a invocação da experiência. Esta achava-se adstrita aos casos particulares, não se admitindo que pudessem contribuir para a correção do que se achava estabelecido. Com o desdobramento dessa temática, aparece nitidamente o confronto entre *indução* e *dedução*.

Algumas invenções tiveram, no mesmo período, um grande impacto sobre a vida política e cultural, entre as quais a bússola. Trazida da China, onde se sabia que uma agulha imantada assinalava, invariavelmente, o Norte, foi aperfeiçoada nos começos do século XV pelo italiano Flávio Gioia, da região de Nápoles. O engenho chinês flutuava num recipiente cheio de água e azeite. O inventor italiano conseguiu colocar a agulha sobre um eixo

de metal, para facilitar sua oscilação, encerrando-a numa caixa hermeticamente fechada para torná-la imune à ação do vento e de outros agentes exteriores. A bússola colocou a navegação em bases inteiramente novas.

Outra invenção de grandes conseqüências corresponde ao uso da pólvora em armas de fogo –igualmente uma criação chinesa, aplicada apenas a fogos de artifício – efetivada pelos árabes, nos começos do século XIV, na Espanha. Na chamada Guerra dos 100 Anos, que se verificou entre a França e a Inglaterra, tendo durado com maior intensidade entre 1380 e 1453, aparecem na Europa os primeiros canhões. Essas peças de artilharia eram rudimentares, de difícil locomoção e alcance não muito superior às antigas catapultas, mas são um marco importante na perspectiva do seu aperfeiçoamento ulterior.

A difusão da cultura alterou-se sobremaneira com a técnica da fabricação de papel, que se espalhou superando o pergaminho na altura do século XV. O passo seguinte foi representado pela imprensa. Aperfeiçoando sua máquina durante muitos anos, Gutemberg conseguiu realizar, em 1455, a primeira edição impressa da Bíblia. Muitos humanistas, como Erasmo, deixaram-se verdadeiramente empolgar pelo novo invento e valem-se dele para propagar suas idéias. Calcula-se que, no meio século transcorrido entre a edição da primeira Bíblia e os começos do século XVI, imprimiram-se nos principais centros europeus nada menos que cinco milhões de livros. Para que se tenha uma idéia da mudança verificada, basta dizer que a maior biblioteca européia do século XIII, a de Canterbury, sede tradicional do primaz da Igreja na Inglaterra, tinha cinco mil volumes, sendo este um caso raro porquanto o comum era que tivessem 100 títulos ou pouco mais. A biblioteca de Cluny, que era um centro importante no agregado que deu nascedouro à França, dispunha de 570 volumes por volta de 1300.

3. O *hermetismo* e a nova abordagem da natureza

Ao longo do século XVI difundiu-se amplamente na Itália o chamado *hermetismo*. Ainda que a rigor não tivesse, como se chegou a supor, maior significado científico, contribuiu para popularizar a idéia de que a natureza achava-se “escrita” em linguagem matemática. Essa hipótese circulou de igual modo como sendo proveniente de Platão, cuja descoberta ocorre também no Renascimento.

Os escritos atribuídos a Hermes Trimegisto (três vezes grande) chegaram à Academia Florentina (1) com a indicação de que seriam originários do Egito, da época de Moisés, tendo sido inspirados na divindade egípcia Thot, Deus do cálculo e do aprendizado, conselheiro de outros Deuses

egípcios. Como mais tarde, no século XVII, veio a ser refutada tal origem remota, perdeu-se de vista a sua significação no contexto histórico da Renascença. Sua doutrina, denominada de *hermetismo*, em meio a ensinamentos mágicos e iniciáticos afirmava a crença na concepção quantitativa do universo e encorajava o uso da matemática para mostrar relacionamentos e demonstrar verdades essenciais. Se esses princípios já eram conhecidos através do neoplatonismo, a descoberta de sua antigüidade incendiou a imaginação de muitos humanistas do Renascimento, entre estes Marsílio Ficino (2). Serviam também para nutrir a suspeita de que Platão freqüentara os sábios do Egito.

Entre as acusações que pesaram contra Giordano Bruno encontra-se a de que seria adepto dessa doutrina (*hermetismo*).

A propósito de Bruno, afirma-se na *História da Ciência da Universidade de Cambridge*: “Até onde se pode verificar, não há qualquer menção específica da defesa de Copérnico por Bruno como razão para a sua condenação. No entanto, como é evidente, quaisquer pontos de vista que ele tenha apoiado em seus polêmicos escritos seriam suspeitos, não menos pelos dominicanos, a cuja ordem Bruno pertencera; é interessante notar o fato de ter sido um frade dominicano quem lançou o ataque contra Galileu por apoiar o copernicanismo, catorze anos depois. Isso se deu quando se travou a primeira grande batalha entre a ciência e a religião, e foi o cientista Galileu, e não o mago Bruno, a primeira vítima da ciência. Se Bruno deve ser lembrado, é por ter sido o responsável por fazer a Igreja Católica voltar-se contra a maior das hipóteses formuladas pela nova revolução científica, e conseguiu fazer isso sem que, pessoalmente, desse qualquer contribuição à ciência”. (Tradução brasileira, Jorge Zahar Ed., 1987, vol. III, p. 72)

Galileu teria oportunidade de consagrar esse entendimento no livro em que apresenta o que viria a ser o novo método de abordagem da natureza: *O Ensaíador* (1632). Esse personagem ultrapassa o período abrangido pelo Renascimento, se tivermos presente um dos traços que o caracterizava: o livre debate de certos temas, notadamente algumas das teses popularizadas sob o manto de Aristóteles. Em especial aqueles relacionados ao que viria a tornar-se a ciência moderna, somente explicitada plenamente na área convertida ao protestantismo. Contudo, não poderíamos deixar de apontar desde logo em que consistiria o novo método.

NOTAS

(1) As Academias apareceram a partir do século XV, pelo desejo de círculos intelectuais de emancipar-se da tutela das universidades medievais. Em certo momento, receosas de perseguição da Igreja Católica, assumiram caráter conspiratório. No século XVI, na Itália, chamaram-se Academia dos Incógnitos; dos Secretos; dos Corajosos; dos Confiantes etc.

(2) Marsílio Ficino (1433-1499), padre, traduziu e comentou Platão e os neoplatônicos, atividade que exerceu muita influência em toda a Europa, sobretudo no século XV, quando se buscava uma alternativa para Aristóteles e muito impressionara a hipótese platônica de que a natureza estaria escrita em linguagem matemática. Pertenceu à Academia de Florença.

4. A formalização do novo método científico

Galileu Galilei nasceu em 1564, na cidade italiana de Pisa, numa família intelectual. O pai era músico e compositor, carreira que foi seguida pelo irmão. Mais tarde a família mudou-se para Florença, onde os parentes eram influentes na medicina e nos negócios públicos. Nessa altura foi mandado para um colégio jesuíta, de onde o pai acabou retirando-o. Tornou-se estudante de medicina na Universidade de Pisa mas desistiu do curso por não se sentir vocacionado. Revelou então enorme interesse pela matemática. Sua competência na matéria acabaria sendo reconhecida em razão do que seria admitido como professor da disciplina na Universidade de Pisa, em 1589, aos 25 anos de idade.

Nos começos do novo século já se tornara conhecido por sua habilidade na confecção de instrumentos científicos e perícia na efetivação de observações astronômicas. Graças a estas, progressivamente refutou as teorias do movimento adotadas na época, que constituíam o cerne da física de Aristóteles, encampada pela Escolástica.

A par disto, acompanhando a evolução do telescópio, que então ocorria em diversas partes da Europa, notadamente na Holanda, Galileu dedicou-se a aperfeiçoar o modelo que possuía duas lentes, uma em cada extremidade do tubo. Através de sucessivas melhorias, aumentou inicialmente em três vezes o tamanho aparente dos objetos observados, depois para dez vezes e, finalmente, para trinta. Assim, observou muito mais estrelas do que as visíveis a olho nu. Registrou que o planeta Júpiter era acompanhado, em sua órbita, por quatro pequenas luas. Concluiu que, se um planeta podia arrastar os seus próprios satélites, não era correta a inferência de que se a Terra se movesse, como supunha Copérnico, a Lua seria deixada para trás.

(1)

Essa conclusão e mais os resultados dos seus aperfeiçoamentos no telescópio, sugeriam que as observações herdadas do Museu de Alexandria, no mundo antigo, deixavam crescentemente a desejar, o que, sem dúvida, favorecia aos partidários da teoria heliocêntrica, que contrariava frontalmente a geocêntrica, preferida pela Igreja. Deste modo, Galileu ingressava num terreno deveras perigoso. Admite-se que, tendo presente a

circunstância, haja se decidido a abandonar Florença e radicar-se em Veneza, onde, supunha, contaria com a proteção da influente casa de Médici. A iniciativa, entretanto, não o salvou de ser denunciado à Inquisição em 1615, quando se inicia, contra ele, longo processo.

Prudentemente, Galileu mantém-se em silêncio, porém, em 1623, publica *O Ensaaiador*, contendo uma exposição sistemática daquilo que passou à história como o novo método científico, base da física moderna. Em 1632 deu outro passo expressivo na mesma direção, publicando *Diálogo sobre os dois maiores sistemas do mundo*, em que confronta os sistemas aristotélico e copernicano. A obra em que Copérnico expõe o sistema heliocêntrico (*Das revoluções dos corpos celestes*, 1543) havia sido condenada pela Igreja mas Galileu entendia que aquela condenação não era absoluta, permitindo que pudesse continuar sendo considerada desde que não adotada em lugar da geocêntrica – entendimento que era apoiado por Urbano VIII, Papa de 1623 a 1644, que se admite o protegeria. O Papa teria recomendado que evitasse qualquer conclusão, naquele confronto; e assim o fez. Em que pese a precaução, a obra foi condenada pela Inquisição. A condenação compreendia também a sua prisão que não chegou a efetivar-se, presumivelmente porque nunca foi sancionada pelo Papa. De todos os modos, foi relegado ao ostracismo, na Itália. Faleceu em 1642, ainda sob o Papado de Urbano VIII, o que talvez o haja poupado de morrer na prisão.

A condenação de Galileu teve ampla repercussão na Europa. Ainda que não se pudesse dizer que os protestantes teriam alguma simpatia pela teoria heliocêntrica, o evento foi tomado como pretexto para mostrar ao mundo a intolerância de Roma. Viu-se cumulado de honrarias por universidades protestantes e o governo holandês dele fez conselheiro oficial. Eruditos protestantes traduziram sua obra e incumbiram-se de divulgá-la (em Paris, Estrasburgo, Heidelberg e outros centros). Na opinião de Joseph Ben-David (1920-1986) historiador da ciência, esse movimento decorrente da condenação de Galileu serviu para criar uma clima de simpatia em relação à nova ciência física, nos países que haviam aderido à Reforma, o que explicaria haja florescido na Inglaterra.

Galileu é considerado como o autor de uma primeira versão das leis do movimento, que contrariam e derrubam a física do seu tempo, teoria essa que seria plenamente configurada por Newton. Aristóteles considerava os corpos de um ponto de vista qualitativo. Sua física buscava descobrir qual a qualidade essencial. As substâncias corpóreas classificavam-se por suas qualidades distintas.

Em contrapartida, em sua investigação Galileu tinha em vista o estabelecimento de relações mensuráveis. Assim, não se satisfazia com a simples observação. Tratava de descobrir nos processos físicos aquilo que podia ser reproduzido segundo parâmetros fixados pelo investigador. Para

alcançar tal objetivo, no estudo do movimento, confeccionou objetos e os fez moverem-se em diferentes circunstâncias, aumentando ou reduzindo a aceleração e outros componentes, como o peso, medindo sempre seus efeitos. Na base dessas experiências refutou a impressão errônea, da percepção comum, segundo a qual a velocidade da queda dos corpos dependeria de suas dimensões (massas), impressão incorporada à física aristotélica. É da autoria de Galileu a lei da queda livre dos corpos, que deu base às novas formas de experimentação destinadas a descobrir as leis do movimento.

Afirma em *O Ensaiador*: “A filosofia está escrita neste grandíssimo livro que continuamente está aberto ante nossos olhos (digo: o universo), mas não pode ser entendido se antes não se procure entender sua linguagem e conhecer os caracteres nos quais está escrita. Este livro está escrito em linguagem matemática, e seus caracteres são triângulos, círculos e outras formas geométricas, sem as quais é totalmente impossível entender humanamente uma palavra e sem as quais nos agitamos de modo vão num labirinto escuro”.

NOTA

(1) Nicolai Copérnico (1473-1543) era polonês de nascimento, sendo autor da hipótese de que o sol é que se encontraria no centro do Universo e não a terra. Esta tampouco é imóvel, girando em torno do sol. A isto chamou-se “sistema heliocêntrico” ou copernicano.

5. Uma nova aceção de pessoa

O sábio italiano Rodolfo Mondolfo chamou a atenção para o aspecto mencionado.

Nasceu em 1877 e faleceu às vésperas de completar cem anos, em 1976. Ainda muito jovem, nos começos do século XX, participou dos debates relacionados ao marxismo, que tivera lugar na Itália, tendo contribuído para fixar uma interpretação que posteriormente iria contrastar com o leninismo, porquanto identificada com a tradição humanista ocidental.

Merece a denominação de sábio, entre outras coisas, por se haver tornado um dos principais historiadores da filosofia, retirando-lhe todo caráter arbitrário e estabelecendo distinções fundamentais em suas várias expressões para destacar o papel dos problemas no seu desenvolvimento. Teve ainda oportunidade de reordenar a filosofia grega e elaborar textos destinados a facilitar o seu estudo. Fugindo do fascismo, radicou-se na Argentina onde muito contribuiu para animar o movimento editorial relacionado à filosofia, no que se refere a traduções cuidadosas e publicação de revistas especializadas, bem como para a formação de

professores. Com o fim do fascismo recuperou a cátedra que dispunha na Universidade de Bolonha, mas preferiu continuar residindo na Argentina.

Com o livro *Figuras e idéias da Filosofia da Renascença* --cuja tradução brasileira seria publicada pela Editora Mestre Jou em 1967, reeditando-a sucessivamente-- determinou com precisão o papel do Renascimento na emergência da filosofia e das ciências modernas. Para Mondolfo, o Renascimento proporcionou contribuições definitivas, porém, de um modo geral, deve ser entendido como uma fase de transição. Entre as primeiras, destaca-se o entendimento da pessoa humana como um valor, em contraposição ao conceito predominante da Idade Média.

A noção de pessoa corresponde a uma aquisição do cristianismo, porquanto ausente tanto da tradição religiosa judaica como da meditação filosófica grega. Santo Agostinho definiu-a como dotada de liberdade, isto é, como um ser que é instado a agir a partir de escolhas e não como um autômato. Essas idéias seriam desenvolvidas por São Tomás. Tais indicações, contudo, não contribuíram para atribuir-lhe maior dignidade. Ao contrário, ainda que possam ser encontradas vozes discordantes, o entendimento vigente era o de um ser desprovido de qualquer valor, entendimento esse explicitado por Lotario de Segni, elevado ao trono papal como Inocêncio III (Papa de 1198 a 1216), no livro *De contemptu mundi* (O desprezo do mundo), amplamente difundido em forma de sermões e compilações de caráter popular. O dignatário da Igreja revela o mais solene desprezo não tanto pelo mundo, mas pela condição humana, colocada mesmo abaixo dos vegetais. Assim, escreve: “Anda pesquisando ervas e árvores; estas porém produzem flores, folhas e frutos e tu produzes de ti lêmbeas, piolhos e vermes; elas lançam do seu interior azeite, vinho e bálsamo, e tu, do teu corpo, saliva, urina, excrementos”. Pregação desse tipo é que deu lugar às barbaridades cometidas pela Inquisição --por sinal criada pelo mesmo Inocêncio III--, que se prolongaram, durante a Época Moderna, tanto na Itália como na Espanha e em Portugal, agora para combater a ciência e o enriquecimento advindo da nova visão do mundo posta em circulação pelos protestantes.

No seu livro, Mondolfo mostrou que o Renascimento, ao exaltar a pessoa humana, não deseja apenas repetir um tema clássico, mas valer-se da cultura antiga para contrapor-se ao entendimento vigente em seu tempo, herança da Idade Média. Indica que, ainda em 1448, aparece *De dignitate et excellentia hominis*, de Ginozzo Manetti, escrito para refutar terminantemente a Inocêncio III. Seguem essa linha Marsílio Ficino (1433/1499); Pico da Mirandola (1463/1494); Giordano Bruno (1548/1600); Tomás Campánela (1568/1639) e tantos outros.

Após resumir suas principais teses, conclui Mondolfo: “Esse esclarecimento da excelência humana como capacidade ilimitada de aperfeiçoamento, que se realiza paulatinamente, na conquista e ampliação

dos conhecimentos, na aquisição do domínio sobre a natureza, no desenvolvimento dos poderes intelectuais, na criação das artes, das ciências e de todo o mundo da cultura superior, não era somente uma afirmação da consciência de que o homem pode e deve ter a sua dignidade, mas, ao mesmo tempo, das exigências que esta dignidade implica como condições imprescindíveis.”

Assim, não apenas por haver facultado criações imorredouras na arte e na literatura, mas também por haver reivindicado a dignidade da pessoa humana, o Renascimento ocupa um lugar destacado na cultura ocidental. Difundiu a idéia de que, pela intensidade que pode proporcionar ao conhecimento, o homem equipara-se à Divindade. Na espécie, esta somente o supera pela extensão. (1)

Conforme foi destacado, o Renascimento procurou dar a conhecer as idéias de Platão, para contrabalançar o virtual monopólio alcançado pela filosofia aristotélica, na versão escolástica. Ainda que se tratasse de uma variante do platonismo permeada pela religiosidade cristã --o chamado neoplatonismo dos séculos II, III e IV --, permitiu que se difundisse a hipótese, de origem platônica, de que a natureza estaria escrita em linguagem matemática. Essa hipótese, que se encontra na raiz da ciência moderna, seria também estimulada por doutrinas místicas, igualmente postas em circulação.

De todos os modos e em que pese os avanços proporcionados por Galileu, em matéria de ciência o Renascimento equivale à transição. O mesmo ocorrerá na filosofia. Mondolfo mostra que muitas das idéias presentes à meditação dos maiores pensadores modernos foram antecipadas pelos renascentistas. Mas este impulso seria insuficiente para originar o que caracteriza a Filosofia Moderna como algo de plenamente autônomo e diferenciado.

NOTA

(1) Assinale-se que essa tese é a fonte do racionalismo ascendente na Época Moderna. Conforme a experiência histórica iria evidenciar, trata-se de visão unilateral. Coexiste no homem com instintos brutais e irracionais. Além disto, a valorização do corpo, emergente a partir da Era Vitoriana, complementa o conceito de pessoa.

LEITURA COMPLEMENTAR

William Sheakspeare, a maior glória literária do Renascimento

Alguns dados da vida de Shakespeare são imprecisos, a começar da data de seu nascimento, que teria ocorrido a 23 de abril de 1564, em Stratford-sur-Avon, Inglaterra. Sabe-se ao certo que seu pai era comerciante e que se casou em 1582, com apenas 18 anos, nascendo a primeira filha após seis meses e, em 1585, dois outros filhos gêmeos. Dois anos depois terá se mudado para Londres, onde se tornou ator e autor de peças teatrais. Nos anos de 1590 e 1592 dá-se a apresentação de seu primeiro drama histórico, *Henrique VI*. Em 1592 teria completado 28 anos. Há registro das primeiras apresentações de suas diversas peças. Em 1610, volta a viver em Stratford onde viria a falecer em 1616, aos 52 anos de idade. A cidade ergueu-lhe um busto logo a seguir. A primeira edição de seu teatro completo seria de 1623.

O período de sua afirmação como teatrólogo transcorre no reinado de Elizabete I, filha de Henrique VIII. Este teve um longo reinado, de 1509 a 1547 e sua sucessão viria a ser muito tumultuada por questões religiosas. Aquele rei havia rompido com Roma e criado uma Igreja independente (a Igreja Anglicana), baseada na doutrina calvinista, situando-a, portanto, no âmbito da Reforma Protestante. Sua primeira esposa era contudo católica. E tendo morrido o único filho homem de Henrique VIII (Eduardo VI, que reinou apenas seis anos, de 1547 a 1553), assumiu o trono em 1553, com o nome de Maria I, cuidando de reintroduzir o catolicismo. Faleceu em 1558 e Elizabete a sucedeu e teve, como o pai, um longo reinado de 45 anos, quando organiza de forma definitiva a Igreja Anglicana. Inicia a projeção da Inglaterra no cenário europeu, consistindo marco expressivo a derrota que impôs à Armada Espanhola em 1588. A Espanha conseguira, ao longo do século, posição hegemônica na Europa e ainda não experimentara o declínio renunciado pela derrota antes referida.

A primeira fase da criação teatral de Shakespeare consiste justamente nos dramas históricos. Supõe-se que a preferência haja decorrido do interesse pela história da Inglaterra, despertado graças à vitória na disputa com a Espanha. A peça inicial suscitou uma polêmica, o que sugere seu autor já contasse com reputação estabelecida.

Ordenando-as em conformidade com a seqüência histórica (1): *Vida e morte do rei João* (João Sem Terra, reinou de 1199 a 1216, dignatário que foi obrigado pelos barões a assinar a *Magna Carta* (1215), documento que

costuma ser associado ao processo que desembocaria no governo representativo e na monarquia constitucional); *Ricardo II* (reinou de 1377 a 1399); *Henrique IV* (sucedeu a Ricardo II e reinou até 1413), drama cuja encenação acha-se subdividia em duas partes; *Henrique V* (reinado de 1413 a 1422), que reinicia a Guerra dos Cem Anos com a França e impingiu-lhe uma séria derrota; *Henrique VI*, que sucedeu a *Henrique V*, reinado no qual a Inglaterra perde em definitivo a sua disputa secular com a França, em 1453, fato que se considera determinante no processo de formação das nações européias, com o surgimento do Estado Moderno e a correspondente centralização do poder. O drama *Henrique VI* acha-se subdividido em três partes. O monarca era doente mental e o poder esteve em mãos de diferentes regentes. Afinal foi deposto em 1461, reassumindo por um breve período em 1470 mas por fim afastado em definitivo. Seguem-se ainda dois dramas históricos: *Ricardo III* (reinou de 1483 a 1485) e *Henrique VIII*.

Para elaboração dos dramas históricos, Shakespeare apoiou-se na obra dos velhos cronistas ingleses. Especialistas consideram que, embora devesse, como autor teatral, criar personagens e incidentes, procurou ater-se ao conhecimento histórico estabelecido. Contudo é nessa primeira fase, que se admite abranja toda a década de noventa, que cria duas figuras imorredouras, do rico elenco de personalidades definidoras de diferentes caracteres. São eles: Ricardo III e Falstaff

Ricardo III é o paradigma do déspota hediondo, que não recua diante de qualquer baixa que sirva aos seus propósitos. É uma personagem física e moralmente execrável.

Em contrapartida, Falstaff é o tipo legendário do fanfarrão e mentiroso, extremamente simpático.

Seria a partir desses dois tipos que criou os personagens inesquecíveis que viriam a compor as tragédias.

Na apreciação da obra de Shakespeare há unanimidades e divergências. Todos os estudiosos aceitam que renovou o teatro, dando passos gigantescos em relação à tradição grega. Também se considera como a maior figura do Renascimento e cuja obra jamais teria sido ultrapassada. Entretanto, o conhecido crítico norte-americano, Harold Bloom, reconhecidamente um grande especialista em Shakespeare, procurou estabelecer uma distinção entre *caráter* e *personalidade*, com o propósito de indicar que a figura humana teria sido fixada por Shakespeare. À defesa dessa tese dedicou o livro *The invention of the human* (London, Fourth Estate, 1999). O caráter ocidental, escreve, seria proveniente de Homero e Platão; Aristóteles e Sófocles; a Bíblia e Santo Agostinho; Dante e Kant, para referir o essencial de uma lista que poderia abrigar outros nomes. E, completa: "A personalidade, em nosso sentido, é uma invenção de Shakespeare e nisto não consiste apenas a maior originalidade de

Shakespeare mas a autêntica causa de sua perpétua capacidade de persuasão. Ainda que louvemos ou deploremos as nossas próprias personalidades, nós somos os herdeiros de Falstaff e Hamlet, e de todos os outros personagens que povoam o teatro de Shakespeare e que seria legítimo chamar de cores do espírito." (ed. cit., pág. 4). A personalidade não consistiria apenas num determinado caráter. Mas adicionalmente a capacidade de tornar-se emblemática e mobilizadora, provocando simpatia ou repulsa, diante da qual não podemos tornar-nos indiferentes. Ainda que se possa atribuir à tragédia grega – e mesmo a autores modernos como Dostoievski – o mesmo poder de persuasão, é fora de dúvida o significado da obra de Shakespeare, amplamente popularizada em nosso tempo pelo cinema.

Bloom acha que a obra de Shakespeare poderia ser dividida numa fase inicial, que corresponderia ao que denomina de aprendizado, e no período maduro. Na inicial há comédias, três dramas históricos (*Henrique VI*, *Rei João* e *Ricardo III*) e as primeiras tragédias. A obra de maturidade compreenderia também os três grandes grupos em que se costuma situar as suas peças.

Shakespeare escreveu ainda o que seria denominado de "obras líricas", isto é, poemas e sonetos que não fazem parte das peças.

A obra completa de Shakespeare acha-se traduzida ao português. Contamos com tradutores e conceituados estudiosos de reconhecida competência. A

NOTA

(1) A cronologia da obra de Shakespeare é uma questão muito disputada.

FILME

FILME

Giordano Bruno. Filme italiano de 1973. Dirigido por Giuliano Moldaldo. Principais atores: Gian Maria Volonté (1933/1944); Mathieu Carrière e Charlotte Rampling. Tempo de duração: 123 minutos.

Giordano Bruno foi uma personalidade muito destacada no Renascimento. Autor de muitas obras, teve seu pensamento discutido em diversos países europeus, por duas razões principais. Algumas das idéias que defendia -- que depois foram incorporadas à ciência moderna-- tinham origem em tradições místicas que se opunham ao cristianismo. Entre estas, o **hermetismo** que, em meio a ensinamentos mágicos e iniciáticos afirmava a crença na concepção quantitativa do universo e encorajava o uso da matemática para mostrar o relacionamento e demonstrar verdades essenciais, o que viria a ser base da ciência do século XVIII. Essa doutrina confrontava diretamente a física de Aristóteles, aceita e sancionada pela Igreja. Assim, além do fato de ser uma doutrina mística, no plano religioso, defendendo princípios inaceitáveis para o cristianismo --no plano dogmático-- tinha essa componente adicional de confronto à Escolástica no plano físico.

A segunda fonte de animosidade provinha das críticas que endereçava à Igreja. Essa crítica, que, em seu nascedouro, seria estimulada por Erasmo (1460/1536), não precisava obrigatoriamente desembocar na Reforma Protestante, o que se comprova pelo simples fato de que o próprio Erasmo --principal crítico do comportamento social do Vaticano-- não seguiu aqueles seus parceiros que romperam com o papado. Ainda assim, no tempo de Bruno a Reforma já era um fato consumado, do mesmo modo que as guerras religiosas dela decorrentes e a sucessiva emancipação de nações européias da tutela do Papa. Bruno atuou, portanto, num ambiente muito diverso daquele existente no tempo de Erasmo.

O certo é que Bruno seria queimado na fogueira a 17 de fevereiro de 1600, com o que se encerra o Renascimento. Este certamente não pretendia dar curso a uma nova época com a qual a Igreja de Roma manifestasse tantas discordâncias, como acabaria acontecendo com a Época Moderna.

O diretor do filme, Giuliano Montaldo, não pretendeu apenas retratar a vida de Bruno, mas elaborar um libelo contra a injustiça. Com intenção idêntica, produziu **Saco e Vanzetti**, a história da condenação á morte, nos Estados Unidos, de dois anarquistas italianos, por disputas de caráter trabalhista. Sendo sem qualquer dúvida um dos grandes cineastas italianos do último

pós-guerra, veio a ser muito criticado por fazer caso omissivo do contexto histórico no qual se produziram tais acontecimentos.

EXERCÍCIOS

- 1, Indique e comente, sumariamente, as principais novidades trazidas pelo Renascimento e porque se diz ser uma época de transição.
2. Em que consiste a diferença de método científico entre Galileu e Aristóteles?